



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS

LUCIA SOUZA DOS ANJOS

CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CAMPONESA SEM TERRINHA NA
CIRANDA INFANTIL

LARANJEIRAS DO SUL

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS

LUCIA SOUZA DOS ANJOS

CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CAMPONESA SEM TERRINHA NA CIRANDA
INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciado em Educação do Campo: Ciências Sociais
e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Liria Ângela Andrioli

LARANJEIRAS DO SUL
2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Anjos, Lucia Souza dos
CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CAMPONESA SEM TERRINHA NA
CIRANDA INFANTIL / Lucia Souza dos Anjos. -- 2019.
39 f.

Orientadora: Liria ângela Andrioli.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR , 2019.

1. Ciranda infantil. Identidade. Sem Terrinha.
Formação humana.. I. Andrioli, Liria ângela, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LUCIA SOUZA DOS ANJOS

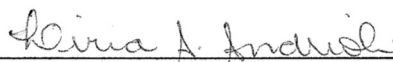
**CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CAMPONESA SEM TERRINHA NA
CIRANDA INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

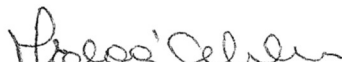
Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Lúria Ângela Andrioli

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 17 de junho de 2019.

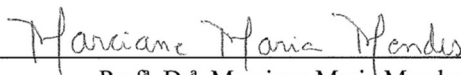
BANCA EXAMINADORA:



Prof^ª. Dr^ª. Lúria Ângela Andrioli



Prof^ª. Dr^ª. Maria Eloá Gehlen



Prof^ª. Dr^ª. Marciane Maria Mendes

Dedico esse trabalho a minha Família “(Anjos)”, e ao meu companheiro, “Dione” que teve papel fundamental para esse trabalho fosse concluído. Dedico também aos amigos e familiares que foram responsáveis para este momento.

AGRADECIMENTOS

À Deus.

Agradecer ao meu total esforço e dedicação ao meu trabalho, e o meu direito de estudar em uma universidade pública.

À minha Mãe Roseli, ao meu Pai Jose que mesmo com a distância tive incentivo em dar continuidade nos estudos aos irmãos Ataise, Ana Paula, Luana, Alaice, Karine, Daniel, José Augusto, e meu querido sobrinho Alexsandro.

Ao meu companheiro Dione que juntos estamos e pelo carinho e atenção.

A minha orientadora Liria Ângela Andriolli, pelo total carinho e dedicação comigo e com o trabalho.

À Universidade Federal da Fronteira Sul. Campus Laranjeiras do Sul.

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Ao CEAGRO, o centro que me possibilitou a estudar a distância.

À Escola Milton Santos, Maringá PR, por me conceder o espaço para a pesquisa.

À turma Alexandra Kollontai, pela amizade, conselhos e aprendizados construídos, por meio de importantes diálogos e reflexões.

À Jucelia V. Silva pela amizade, pelas madrugadas de estudo e parceria e aprendizagens.

Aos Professores da Universidade Federal da Fronteira Sul, que contribuíram para a minha formação e pelas valiosas contribuições e reflexões críticas que possibilitou a estudar.

À minha querida amiga Márcia Gomes Pego, e meu amigo Cleiton Carvalho pelo carinho e o incentivo de não desaminar.

À minha princesa Helena que sempre esteve comigo nos meus dias de estresse, aliás sempre me acalmava.

E, por fim, dedico mais uma vez a min mesma, pelo esforço, as madrugadas de estudos, s seminários tensos de filosofia.

Vida que segue!

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.
Paulo Freire

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo investigar como ocorre o processo do ser criança, também ressaltando como é o cuidar e o educar na ciranda infantil Semente da Criança, localizada na Escola Milton Santos, no município de Maringá, no Estado do Paraná. Isso significa trazer para o enfoque o funcionamento dos espaços das cirandas e o mais importante, conhecer e aprofundar o conceito de infância e identidade camponesa sem terrinha na ciranda infantil, tendo como ponto de partida a vida cotidiana, trazendo o histórico do movimento sem-terra. A pesquisa será realizada em um espaço do movimento social com educadores e educadoras infantis. É de natureza qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas. No primeiro capítulo far-se-á um processo reflexivo acerca do conceito de ciranda infantil e a sua relação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra assim como contextualizar-se-á historicamente o espaço empírico dessa pesquisa que é o Centro de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Escola Milton Santos de Agroecologia, localizada no município de Maringá/PR. O segundo capítulo traz elementos teóricos da pesquisa, tentando conceituar: infância, sujeitos, identidades, cultura e cotidiano. Desse modo trazemos alguns interlocutores que nos auxiliarão no aprofundamento da temática. O terceiro e último capítulo possui como foco central o aprofundamento acerca da constituição da identidade Sem Terrinha da Ciranda Infantil Semente da Esperança, localizada em Maringá-PR, trazendo a pesquisa empírica por meio das entrevistas semiestruturadas. Retoma-se aqui as principais questões propostas para o estudo, constituindo-se num ensaio que pretende fazer a relação da teoria com a prática.

Palavras-chave: Ciranda infantil. Identidade. Sem Terrinha. Formação humana.

ABSTRACT

This work aims to investigate how the process of being a child occurs, also emphasizing how it is to care for and educate in the children's ciranda Sementes da Criança, located in the Milton Santos School, in the municipality of Maringá, in the State of Paraná. This means focusing on the functioning of the ciranda spaces and, most importantly, getting to know and deepen the concept of childhood and peasant identity without land in the children's ciranda, taking as a starting point the daily life, bringing the history of the landless movement. The research will be carried out in a space of the social movement with educators and children's educators. It is of a qualitative nature, with semi-structured interviews. In the first chapter there will be a reflective process about the concept of children's ciranda and its relationship with the Landless Movement, as well as a historical contextualization of the empirical space of this research, which is the MST Training Center at the Milton Santos School of Agroecology, located in the municipality of Maringá/PR. The second chapter brings theoretical elements of research, trying to conceptualize: childhood, subjects, identities, culture and daily life. In this way we bring some interlocutors who will help us in the deepening of the theme. The third and last chapter has as its central focus the deepening of the constitution of the Landless Identity of Ciranda Infantil Sem Terra da Esperança, located in Maringá-PR, bringing the empirical research through semi-structured interviews. The main questions proposed for the study are resumed here, constituting an essay that intends to make the relationship between theory and practice.

Keywords: Ciranda infantil. Identity. Without Land. Human formation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATEMIS - Associação de Trabalhadores na Educação e Produção em Agroecologia Milton Santos.

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ECA- estatuto da Criança e do Adolescente

EMS- Escola Milton Santos de Agroecologia

ENERA -Encontro Nacional de Educadores/as da Reforma Agrária

ITEPA - Instituto Técnico de Educação e Pesquisa da Reforma Agrária.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

PNRA- Programa Nacional da Reforma Agrária

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

UEM- Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: CIRANDA INFANTIL E O MOVIMENTO SEM TERRA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DO MST: ESCOLA MILTON SANTOS.....	13
1.1. A CIRANDA INFANTIL E O MOVIMENTO SEM TERRA.....	13
1.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DO MST: ESCOLA MILTON SANTOS.....	19
CAPÍTULO 2. INFÂNCIA, SUJEITOS, IDENTIDADES, CULTURA E COTIDIANO	22
CAPÍTULO 3: INFLUÊNCIA DA CIRANDA INFANTIL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SEM TERRINHA.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO I.....	37
ANEXO II.....	38

INTRODUÇÃO

O processo de construção do ser criança é de fundamental importância em todos os espaços da vida e do cotidiano. A criança é um sujeito que passa por todo um processo de constituição e de desenvolvimento e, a partir disso, desenvolve a capacidade de consciência crítica. O interesse de pesquisar a temática, surge a partir da contribuição desta pesquisadora na ciranda infantil do Movimento Sem Terra, tendo em vista a inserção nos movimentos sociais. O foco da pesquisa é a ciranda infantil Sementes da Esperança, localizada na Escola Milton Santos, no município de Maringá, no Estado do Paraná. Nesse sentido, a pergunta problema é: qual a influência da ciranda infantil na constituição da identidade sem terrinha?

Cabe salientar alguns elementos de como se compreende e como se organiza a formação das crianças dentro dos espaços de ciranda infantil. Desse modo, pode-se dizer que as crianças que estão inseridas na ciranda infantil têm todo um processo de formação humana e os educadores têm uma formação continuada. Nesse viés, vale ressaltar ainda que os educadores têm uma demanda de atividades e pesquisas para auxiliar no processo do ser criança e do seu desenvolvimento como ser humano e enquanto ser de uma classe social, tendo em vista que na ciranda infantil as crianças são sujeitas da sua própria história.

Ao fazer uma busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é possível verificar que há algumas pesquisas na área. Para ilustrar, trago três exemplos de temas, “Essa ciranda não é minha só, ela é de todas nós: a educação das crianças sem terrinha no MST; A formação da criança e a Ciranda Infantil no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Os sem terrinha no movimento dos trabalhadores”, contudo, nenhuma proposta específica à temática proposta para este trabalho. Por isso, essa pesquisa traz ineditismo.

Trabalha-se com a hipótese de que a ciranda infantil tem influência positiva na formação humana e na constituição identitária das crianças, uma vez que faz parte de um processo de construção do conhecimento.

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, com a realização de 5 entrevistas semiestruturadas. Tem viés etnográfico com observações no cotidiano da escola. Foi realizada em espaços do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com pais e a coordenação da ciranda, educadores e educadoras infantis. Por pesquisa qualitativa compreende-se como “uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento” OLIVEIRA, (2005, p. 66).

Já o estudo de caso, de acordo com Martins (2008), pode ser caracterizado como sendo “uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo básico é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador” (p. 27). Este traçado metodológico foi escolhido por interpretarmos como sendo o mais compatível com o objeto a ser pesquisado, uma vez que demonstra ter condições de analisar com profundidade a problemática em questão. Cabe salientar que a metodologia da pesquisa levou em consideração as questões éticas da pesquisa, preservando a identidade dos sujeitos pesquisados.

Sendo assim, no primeiro capítulo far-se-á um processo reflexivo acerca do conceito de ciranda infantil e a sua relação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais assim como contextualizar-se-á historicamente o espaço empírico dessa pesquisa que é o Centro de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Escola Milton Santos de Agroecologia, localizada no município de Maringá/PR.

O segundo capítulo traz elementos teóricos da pesquisa, tentando conceituar: infância, sujeitos, identidades, cultura e cotidiano. Desse modo trazemos alguns interlocutores que nos auxiliarão no aprofundamento da temática.

O terceiro e último capítulo possui como foco central o aprofundamento acerca da constituição da identidade Sem Terrinha da Ciranda Infantil Semente da Esperança, localizada em Maringá-PR, trazendo a pesquisa empírica por meio das entrevistas semiestruturadas. Retoma-se aqui as principais questões propostas para o estudo, constituindo-se num ensaio que pretende fazer a relação da teoria com a prática.

CAPÍTULO 1: CIRANDA INFANTIL E O MOVIMENTO SEM TERRA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DO MST: ESCOLA MILTON SANTOS

Esse capítulo tem por objetivo aprofundar o conceito de ciranda infantil e a sua relação com o Movimento Sem Terra assim como contextualizar historicamente o espaço empírico dessa pesquisa que é o Centro de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na Escola Milton Santos de Agroecologia, localizada no município de Maringá/PR.

1.1. A CIRANDA INFANTIL E O MOVIMENTO SEM TERRA

A partir do tempo de vivência dessa pesquisadora na escola Milton Santos de Agroecologia, passa-se a analisar o contexto histórico da Ciranda Infantil, em especial a Semente da Esperança, e da relação que esse espaço tem com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (MST) e com objetivo de estudar a ciranda infantil que faz parte do Centro de formação do (MST), Escola Milton Santos de Agroecologia. A ciranda infantil surge a partir de uma demanda do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), principalmente articulada pelas mulheres, mães, pais e integrantes militantes do Movimento Sem Terra pois não tinham com quem deixar as crianças nas tarefas e encontros, reuniões, discussões que fossem pautas pelo MST.

De acordo com Dalmaz; Scarmocin, (2011), em seu texto diz que a ciranda surge com o objetivo de atender uma solicitação das mulheres que estão inseridas no MST, e que desejavam sempre participar das lutas pela reforma agrária, das demais atividades e por mudanças sociais e por um novo modelo de agricultura. Assim, as mães além de ser militantes podiam ficar tranquilas, pois seus filhos estariam em atividades na ciranda infantil.

Posteriormente, a construção da ciranda deixa de ser uma reivindicação somente vinculada ao trabalho feminino e torna-se uma necessidade para as famílias do campo. Deste modo, várias iniciativas de propostas foram surgindo dentro dos espaços de assentamentos e acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), bem como do Centro de Formação do MST, tendo como

objetivo um espaço que além de educar e cuidar, serem sujeitos críticos. De acordo com Bihain (2011), compreendemos o avanço do trabalho nas Cirandas Infantis, no sentido de considerar a criança e não somente a liberação das mães para participar das atividades. Isso passa pelo processo de formação diferenciado dos educadores infantis, os quais precisam ser formados para atender as diferentes formas de organização das Cirandas Infantis. “A organização da escola nessa base oferece às crianças um meio sólido e são no qual se desenvolverá um espírito social forte, alegre e capaz de criar a nova geração”. (PISTRAK, 2011, p. 34).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), surge com essa demanda porque as crianças precisam ficar seguras quando as famílias participam das atividades. Por isso, em 1990 começam a surgir as creches itinerantes sendo pensadas para a participação das pessoas em atividades. Com o passar do tempo, em 1996, passa-se a discutir as cirandas infantis e aprofundam-se os debates no setor de educação, tendo em vista que para um atendimento de qualidade as crianças teriam que ter de 0 a 6 anos.

Assim, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), passa a ter um olhar bastante dedicado para todas as crianças e, portanto, tem seu espaço em que possam ficar e a ter uma dedicação de educadores que passam a se preocupar com o ser criança. De acordo com Bihain (201), a partir daí se constituiu uma Comissão de Educação Infantil, e uma das primeiras ações desta Comissão foi traçar um plano de ação, com o desafio e a responsabilidade de oferecer às crianças de 0 a 6 anos de idade, acesso à cuidados básicos, como alimentação, higiene, sono, segurança e afeto, além de várias atividades promovidas no espaço. O nome Ciranda Infantil não surge por acaso. Surge expressando aquilo que buscávamos que sonhávamos para as crianças das áreas de assentamento e acampamentos no que se refere aos processos educativos para essa faixa etária.

O nome Ciranda nos lembra criança em ação. E essa ação dá-se na brincadeira, que dever ser uma brincadeira coletiva. Vai além do brincar juntos, pois é um espaço de construção de relações através de interações afetivas, de solidariedade, de sociabilidade, de amizade, de fraternidade, de solidariedade, de linguagem, de conflitos e de aprendizagem(...). (DALMAZ SCARMORCIN, 2001, p. 30).

Bihain (2011), ressalta que as cirandas nos espaços dos movimentos sociais surgem para garantir um bom espaço para as crianças. A ciranda, nesse contexto, é

um direito das crianças de primeira infância para que deixam de ocupar espaços de adultos e que participem de espaços que proporcionem atividades educativas e, assim, podem suprir as suas necessidades e se manifestar permanecendo em seus espaços.

Desse modo, ao invés de ficar em reuniões juntos com seus pais, as mães ficam mais tranquilas com seus filhos em um espaço seguro.

A organização do ambiente educativo das Cirandas Infantis é feita conforme a realidade onde elas se inserem. Em muitas destas Cirandas, há uma grande dificuldade de acesso aos materiais pedagógicos, porém não é impedimento para a realização de práticas educativas numa perspectiva da emancipação humana. Por ambiente educativo, o MST compreende tudo que acontece na vida da Ciranda, ou seja, a forma como funciona, o que nela acontece e como os educadores se relacionam com as crianças, com as famílias, com a comunidade assentada ou acampada entre outros. (ROSSETTO, 2010, p. 111).

Os educadores cuidam da organização do espaço após as brincadeiras, fazem planejamento de atividades, estudam materiais para apoio referente à ciranda, à educação infantil e dialogando com a criança para o melhor desempenho tanto da criança e tendo um ambiente educativo mais agradável.

Podemos dizer que em consequência desse Encontro muitas questões referentes à Ciranda Infantil foram intensificadas e colocadas como uma demanda de organização e de encaminhamentos, isto é, desde o espaço físico para o funcionamento e organização da mesma, até a formação das educadoras, materiais de consumo, higiene e recreação; a confirmação do número de crianças participantes com antecedência por estado e a ficha de cadastro da criança que iria frequentar a Ciranda Infantil etc. (BIHAIN, 2011, p. 39).

A partir disso, a ciranda infantil é um espaço que o movimento abre para mais oportunidades de estudo para os pais e, assim, tendo oportunidade de que as crianças possam se envolver, conhecer as crianças, brincadeiras, atividades do processo de formação que elas têm do Movimento Sem Terra.

No início os espaços destinados à Educação Infantil nos acampamentos e assentamentos eram insalubres, sem brinquedos e não havia nenhum planejamento estrutural, e só existiam porque as famílias necessitavam deste tipo de atendimento às crianças, durante o seu envolvimento nas atividades do Movimento. Essa realidade ainda está presente em alguns acampamentos e assentamentos, mas também existem Cirandas Infantis que já estão

consolidadas como propostas de qualidade destinadas às crianças pequenas. (DALMAZ, SCARMOCIN, 2011, p. 4).

De acordo com Dalmaz (2011), a educação infantil sempre foi negada pelo Estado e as crianças de 0 a 5 anos têm total direito de ter acesso à educação. Nessa perspectiva, conforme Bihain (2011, p.35), as cirandas infantis sempre precisam ser pensadas com um olhar de forma de organização, ou seja, um processo permanente na construção dela, consideradas as diferentes realidades e situações presentes na vida e na luta de um sem terrinha. Nessa perspectiva, a ciranda pode vir a gerar conhecimento no processo de sustentabilidade da ciranda infantil.

A ciranda infantil como estrutura dentro do espaço em que está inserida atualmente, está ainda em condições precárias de infraestrutura. Contudo, há um esforço coletivo de melhorias para o bem comum.

A organização das Cirandas Infantis ocorre de duas formas: nos acampamentos funciona de forma itinerante, ou seja, a Escola e a Ciranda acompanham o Movimento em todas suas ações, isto é, nas ocupações, assembleias, reuniões, marchas e demais ações; nos assentamentos ela é permanente, desde que o processo seja organizado com um público mais fixo e com periodicidade e encontros mais frequente. De acordo com Dalmaz (2011), esses ainda são desafios das ausências das políticas públicas para a educação infantil no campo.

As cirandas infantis permanentes, porém, ainda não são uma realidade efetiva em todos os estados, colocando-se como mais uma bandeira de luta para ser conquistada nos assentamentos do MST. Ao contrário das itinerantes, que são pontuais, esporádicas, mutantes e, portanto, descontínuas, as permanentes se caracterizam pela permanência e constância em relação a espaço, tempo, sujeitos, o que assegura, a priori, uma continuidade no trabalho desenvolvido. (ARENHARDT, 2004, p.176).

De acordo com Arenhart (2004), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é um movimento pioneiro em experiência com as crianças, ou seja, com a educação infantil. As crianças, ao passarem pelo processo integrado das cirandas, vão se organizando para as lutas e, assim, assumem o comando da luta da história.

Deste modo ao fazer uma retomada histórica do MST, é possível vislumbrar que ele surge há 30 anos em Cascavel (PR), fundando um movimento social camponês, ou seja, inicia a luta pela terra, por reforma agrária e por educação, gerando transformações sociais para o nosso país. Surgiu com posseiros, indígenas, pequenos agricultores e trabalhadores rurais sem-terra, lutando por direitos de

produzir alimentos saudáveis, produzir sem agrotóxicos e por uma educação para todos. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra surge quando os primeiros indígenas ficaram contra a mercantilização, ou seja, o Movimento Sem Terra segue do exemplo de Sepé Tiarajú e de comunidades Guarani de ligas camponesas. A partir disso, destaca-se que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra enquanto movimento social começa nos anos 80 e hoje está presente em 24 estados da federação.

Neste contexto, em 1995, tem a proposta de elaboração do primeiro Programa Nacional da Reforma Agrária (PNRA), uma proposta que foi elaborada no ano de 2003, no governo de Luiz Inácio da Silva com o objetivo de fortalecer as lutas das famílias do MST. De acordo com Coca (2013), o conceito reforma agrária para alguns trata da desapropriação de terra e por outros pode ser considerado uma doação ou regularização fundiária, ou seja, reconhecido por camponeses de assentamentos criado no Estado e por municípios.

(...) a reforma agrária levando em consideração a tipologia dos assentamentos rurais estamos demonstrando uma maneira de olhar para esta realidade. Através dos argumentos colocados, disputamos territórios com outras posições. Obedecer ao método e dialogar com a teoria são ações fundamentais para termos coerência na abordagem proposta. (COCA, 2013, p. 73).

Coca (2013), destaca ainda que a reforma agrária deve ser questionada no sentido de quais territórios são de domínio dos agricultores ou camponeses e quais estão em domínio capital, além de conhecer condições em que estão sendo ofertadas aos próprios camponeses também para que eles mesmo possam ter o controle do território onde ele está inserido. Os assentamentos, acampamentos e comunidades que ocupam territórios em posse desregulada tem o objetivo principal de lutar pela terra e pela reforma agrária, e fazer o plantio sem agrotóxicos para um melhor desenvolvimento de sua família e para uma alimentação saudável de modo geral.

Além disso, o reconhecimento possibilita a eles melhores condições de vida, com o incremento da infraestrutura, com a oferta de assistência técnica e com a possibilidade de acesso a linhas de crédito. Ou seja, essas ações representam uma melhoria na qualidade de vida das famílias beneficiadas. Mais uma vez frisamos, que ações deste tipo não possuem a mesma importância da desapropriação de terras, entretanto representam uma melhoria na qualidade de vida dos camponeses. (Coca, 2013, p. 194).

Ressalta Coca (2013), que a reforma agrária deve ser pensada como a melhor condição de vida às famílias sem deixar de buscar a assistência para os mesmos, ou seja a reforma agrária não apenas se resume em um acesso à terra, mas também o reconhecer de sua posse de terra para uma vida digna aos camponeses e, assim, com a produção em seus lotes.

De acordo com Verdério; Zdebski (2010), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tem a caminhada longa e histórica num movimento de massa tendo articulação em nível nacional no qual se assume no caráter político social, e com objetivo de lutar pela reforma agrária e pautar a necessidade de uma reforma agrária de qualidade e conquistas na luta de classe e ocupações de terras em terras improdutivas.

Verdério; Zdebski (2010), ressalta que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem o objetivo de organizar as famílias e as lutas sociais, tanto homens e mulheres, crianças, idosos e jovens. Assim, se organizam em outras tarefas em infraestruturas, de assentamentos, agroindústrias e, posteriormente, passam a contribuir em várias tarefas e na organização do espaço e atuando nas necessidades que atendem a proposta do coletivo.

O movimento é constituído em várias frentes: Setor de Produção; Cooperação e Meio Ambiente; Setor de Educação; Setor de Finanças; Setor de Saúde; e Setor de Comunicação e Cultura; e três coletivos: Coletivo de Gênero; Coletivo da Juventude; e Coletivo das Relações Internacionais. Também é organizado em brigadas, a partir dos assentamentos e acampamentos. Desse modo, cada brigada é composto por 500 famílias com dirigentes e representantes dos espaços e tanto homens e mulheres contribuem com essas tarefas. Verdério; Zdebski (2010), destaca ainda que os setores têm objetivo de se dedicar a tarefa da educação e se organizam de em contribuir com as tarefas da Educação Infantil, ensino fundamental, médio e na educação de jovens e adultos.

1.2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO CENTRO DE FORMAÇÃO DO MST: ESCOLA MILTON SANTOS

Com a experiência vivenciada por essa pesquisadora na escola Milton Santos há mais de 5 anos, é possível afirmar que a Escola Milton Santos se localiza na zona urbana do município de Maringá, onde funciona desde junho de 2002, em área abandonada, concedida pela Prefeitura Municipal de Maringá, no estado do Paraná.

De acordo com Guhur (2010), logo no início tinham vários prédios inacabados de uma indústria de cerâmica que estava abandonada desde 1982 devido a uma obra que havia sido embargada pela justiça em função de irregularidades e somente em 1988 o terreno passa a pertencer à prefeitura municipal. Contudo, continuou em estado de abandono por um grande período, utilizados como depósito de lixo, entulhos e para retirada de cascalho e basalto (resultando em grave devastação ambiental), e como espaço para prostituição e o uso de drogas ilícitas no ambiente abandonado.

As estruturas que hoje têm na referida escola, foram estruturas em cima das já inexistentes que havia no espaço, sendo assim, construídas a partir de trabalho voluntário de camponeses e camponesas assentados e acampados de todas as regiões do Paraná. Cabe salientar que os primeiros membros que estudaram na escola enfrentaram uma situação difícil e instalações precárias, mas encararam o desafio e contribuíram ativamente na construção da escola.

A escola está ligada ao Instituto Técnico de Educação e Pesquisa da Reforma Agrária-ITEP. A Escola Milton Santos (EMS), é composta por pequenos agricultores, camponeses, educadores e educandos do campo do Estado do Paraná. Nesse sentido, a escola está ligada à agroecologia e ao desenvolvimento agrícola e ao desenvolvimento sustentável, desenvolvendo atividades de educação, capacitação e pesquisa. A escola Milton Santos desde 2003, passou oferecer cursos: Curso Técnico em Agropecuária com Ênfase em Agroecologia (nível pós-médio); Curso Técnico em Agroecologia (integrado ao ensino médio). Também possui uma parceria com a Universidade Estadual de Maringá-UEM com a oferta do curso superior “Pedagogia do Campo”, que hoje já têm pessoas formadas.

Os Cursos Técnicos em Agroecologia visam atender, prioritariamente, às regiões Norte, Centro-Oeste e Noroeste do Estado do Paraná (embora em suas turmas estivessem educandos de quase todas as regiões do estado) pois todos devem estar com compromisso nas lutas cotidianas que nos cabe fazer. A produção, na escola (para consumo, experimentação e comercialização do excedente), envolve: fruticultura, olericultura, adubação verde, bovino cultura de leite e criação de pequenos animais, todos de forma agroecológica. A maior parte da área concedida caracteriza-se por apresentar-se em estágio de degradação bastante avançado, devido há anos de exploração de basalto como já mencionado e retirada de terra, havendo uma parte significativa apta apenas ao reflorestamento. Deste modo, a escola produz para o comércio de feiras em ruas e para a subsistência dos moradores que têm comprometimento com a atividade que lhes é proposta.

A partir da vivência coletiva na Escola Milton Santos, trazemos alguns elementos de acordo com a própria vivência e experiência no espaço. A Escola Milton Santos tem várias frentes que acontecem também por vários espaços: de sala de aula, auditório, biblioteca, laboratório físico-biológico que está em fase de instalação, Tele Centro, alojamento, refeitório, lavanderia e também casas destinadas aos educadores e as famílias que trabalham e contribuem e que residem na escola. Cabe salientar que os espaços estão sendo utilizados por moradores, estudantes e visitantes de várias localidades. Para o lazer, oferece um campo de futebol gramado, uma quadra de vôlei de areia e um parque infantil, além de propiciar outras atividades de confraternizações que o espaço oferece.

Além disso, desenvolve a produção agroecológica que tem como objetivo trabalhar a produção sem agrotóxicos, uma alimentação saudável para além dos moradores para as feiras que a escola faz com objetivo de obter recursos para cobrir algumas demandas da escola.

A escola é mantida por moradores que residem no espaço que tem dedicação total à escola e a tarefa na qual é concedida, é dividida em diversos setores (administrativo, pedagógico, infraestrutura e produção). Todos os que frequentam os cursos se encarregam da limpeza e da manutenção do espaço coletivo. A escola Milton Santos é uma escola e um espaço popular integrada à rede pública de ensino e os cursos formais são oficialmente reconhecidos por meio das parcerias com

instituições públicas de ensino. Os cursos escolares recebem apoio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

A manutenção financeira da escola se dá por meio de projetos, doações, comercialização da produção própria e trabalho voluntário. Deste modo, a escola Milton Santos faz parte de associações vinculada ao Instituto Técnico de Educação e Pesquisa da Reforma Agrária-ITEPA, com sede em São Miguel do Iguazu-PR, e a escola Milton Santos (EMS), tem seus trabalhadores representados na Associação de Trabalhadores na Educação e Produção em Agroecologia Milton Santos-ATEMIS, fundada em janeiro de 2007. A ATEMIS é composta por educadores e educandos do campo do Estado do Paraná, pequenos agricultores, camponeses e tem por objetivo geral estimular o desenvolvimento comunitário e cultural, o desenvolvimento agrícola, a agroecologia.

O nome escola Milton Santos foi uma homenagem ao geógrafo Milton Santos. Tem origem no contexto de lutas pautadas pela sociedade Latino Americana, num período histórico em que o tema da globalização era efervescente, principalmente na organização e levantes dos povos, no campo do enfrentamento contra a expansão do capital, Milton Santos se formou na universidade federal da Bahia. A vida toda dele com seu trabalho fez trabalhos e absorveu muito conhecimento produzido no bojo das transformações sociais deixou como patrimônio histórico uma grandiosa produção teórica para as gerações futuras: escreveu mais de 300 artigos 40 livros, publicados em pelo menos seis países. (BLOG DA ESCOLA MILTON SANTOS DE AGROECOLOGIA, s/a).

O Milton Santos, ao longo de sua vida foi um homem à frente de seu tempo e que deixou lições de vida. Foi um internacionalista, um lutador contra as injustiças sociais que sempre existe, um militante defensor da classe trabalhadora e hoje a classe trabalhadora está lutando por seus direitos. (BLOG DA ESCOLA MILTON SANTOS DE AGROECOLOGIA, s/a.).

CAPÍTULO 2. INFÂNCIA, SUJEITOS, IDENTIDADES, CULTURA E COTIDIANO

Neste capítulo abordar-se-á alguns elementos teóricos da pesquisa, tentando conceituar: infância, sujeitos, identidades, cultura e cotidiano. Desse modo trazemos alguns interlocutores que nos auxiliarão no aprofundamento da temática. Nessa perspectiva, para aprofundar o conceito de identidade, Trevisan (2011), nos auxilia, ressaltando que a constituição da identidade se dá pelos ritos sociais, pela cultura, pelos hábitos, costumes, ou seja, são resultados do processo de socialização do sujeito na sociedade, bem como suas implicações em ações e projetos em que o sujeito está inserido.

De acordo com Barbosa; Magalhães, (2013), a infância e o comportamento no meio social, e as suas relações com a família, deste modo desde a antiguidade as crianças eram consideradas seres inferiores que não merecia nada nem direito nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo assim a infância sendo reduzida. Destaca se que a criança era um instrumento de manipulação partir da independência física que eles adquiriam, e assim logo era inseridas no mundo adulto.

Barbosa; Magalhães, (2013), discorrem que as particularidades da infância não serão reconhecidas e nem praticadas por todas as crianças, pois nem todos as crianças vivem a infância propriamente dita. Nesse contexto, vários fatores se destacam: as condições econômicas das famílias, o meio social, cultural, os sinais de que as crianças estão se desenvolvendo vão mudando o modo de agir, as roupas, responsabilidade entre outros. Sendo assim, o cuidado e a preocupações com as crianças e adolescentes é fundamental.

As identidades na infância, no cotidiano, se constroem na relação entre os sujeitos, num processo contínuo de construção e reconstrução de valores, comportamentos, culturas. É um movimento constante.

Identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo incluso, precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais, e não coletivas. (TREVISAN, 2011, p. 37).

Os espaços de constituição de identidades de sujeitos transformam-se constantemente e influenciam no modo de ser e de agir. De acordo com Freire (1987, p. 92), "Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais." Por isso, a cultura está imbricada com a identidade, pois influencia no aspecto formativo dos indivíduos e em seus modos de vida. Nesse viés, Franco & Gentil (2007, p. 5), ressaltam que as identidades envolvem processos individuais e coletivos: "A identidade é um (...) processo contínuo de construção individual e também coletivo, de caráter processual, auto-reflexivo e constituído a partir da definição de si mesmo e não como algo dado e estático".

Por outro lado, vale salientar que as identidades não são fixas e nem imutáveis e, sim, passíveis de modificação. Nessa perspectiva, concordamos com Louro (2008, p. 24) ao afirmar que "compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias."

Assim também é o conceito de cultura, de cotidiano e de infância. Não está fixo ou permanente, mas sim interligado no processo de constituição e ressignificação dos sujeitos envolvidos. "A identidade não faz referência apenas ao mundo, porém à forma como vive o ser humano na sua maneira de idear e de manipular o seu mundo histórico e, também, o modo como ele constrói sua projeção introspectiva e estética do mundo." (SIDEKUM, 2003, p. 266).

O cotidiano é permeado pelo espaço e pelos seus modos de vida. De acordo com Andrioli (2016, p. 131), "O cotidiano é aqui entendido como a forma que a vida é vivida, em que se dão os acontecimentos e que se desenvolve a vida como um todo, em sociedade". Expressa modos de ser e de agir dos sujeitos. Também implica em espaços de participação da vida social e comunitária. Nesse sentido, ao trazer a temática da infância, é importante fazer essa relação com a cultura, o cotidiano e de que forma os modos de vida influenciam na constituição da identidade das crianças.

De acordo com Nascimento; Brancher; Oliveira (2008, p. 54) ressaltam que o conceito infância foi sendo alterado aos poucos, por meio da escolarização das crianças, ou seja, por meio de uma pedagogia para as crianças e a construção social da infância.

Conforme os autores Nascimento; Brancher; Oliveira (2008), o essencial é não deixar a ideia de que a infância é uma construção unicamente social, o ser criança deve ser compreendido por um ser completo sem deixar de se apropriar nos estudos da criança.

Nascimento; Brancher; Oliveira (2008), trabalham a ideia que é fundamental ouvir e ver qualquer estudo que está relacionado à criança levando em consideração todo e qualquer tipo de criança, construindo novas capacidades para a infância, buscando sentido e sempre preservando o que dá sentido ao ser criança, sempre trabalhando coisas que acrescentam no cotidiano da infância.

No cotidiano, agir, dizer, fazer e criar, constituem práticas de conhecimento singulares – que expressam diferentes modo de uso que os praticantes produzem – desprezadas pelo modelo herdado da modalidade. Os estudos do cotidiano traduzem-se numa teoria das práticas, que nos possibilita explicitar a teoria em movimento que informa as práticas cotidianas. (PÉREZ 2007, p. 97).

A escola é pautada em ensinar a criança a pensar na lógica formal sendo um processo de aprendizagem para a vida da criança. Contudo, não é só no currículo formal que se desenvolvem os processos de ensino e aprendizagem. O espaço do currículo real, do cotidiano da escola revela modos de vida.

No cotidiano da vida, os sujeitos adquirem e compartilham hábitos, atitudes e rotinas ao mesmo tempo que constroem formas particulares de pensar conhecer o mundo, produzindo uma gramática de atitudes (Bourdieu, 1996), e uma sintaxe de entendimento (Iturra, 1998) que, para além do fazer-pensar, expressam tanto a cultura material e a produção cultural, quando formas de organização coletivas e modelos compartilhados. (PÉREZ 2007, p. 98).

Ler o espaço e se reconhecer no próprio cotidiano significa que as crianças passam a se vincular ao espaço em que estão inseridas, ou onde vivem e assim descobrem novos espaços, recriando-os.

Os espaços existenciais das crianças, os lugares pelo quais transita, os caminhos que percorrer cotidianamente, tecem as relações de pertencimento da criança como lugar: a criança é parte do lugar em que vive e o lugar é parte da sua subjetividade; sua leitura de mundo é a leitura especializada do lugar e dos acontecimentos que nele e operam. (PÉREZ, 2008, p.101).

Nesse contexto, a autora Oliveira (2007), destaca que a infância não é entendida como um percurso, mas como um componente que faz parte da cultura e

da sociedade. Ela precisa ser investigada de acordo com a idade e é uma forma estrutural que não desaparece, contudo, vai modificando-se historicamente e, assim, as coisas vão acontecendo com a vontade das crianças e aprendendo a partir do seu desenvolvimento.

O traço mais marcante da infância na contemporaneidade, é a mudança e a pluralização das suas identidades, decorrentes da globalização, que contribui para a construção de uma só infância mundial, ainda que nesta categoria se mantenham- a até acirrem- desigualdade. (OLIVEIRA, 2007, p.115).

Vivemos em uma sociedade em que precisamos entender mais a criança e como são alguns processos para o desenvolvimento dela. De acordo com Rossetto (2012):

Nas Cirandas Infantis, as crianças exercitam sua capacidade de inventar, sentir, decidir, arquitetar, reinventar, se aventurar, agir para superar os desafios das brincadeiras, apropriando-se da realidade e demonstrando, de forma simbólica, os seus desejos, medos, sentimentos, agressividade, suas impressões e opiniões sobre o mundo que as cerca. (p.128).

Nesse mesmo contexto, trazendo a importância da criança em diversos espaços, concordamos com a autora ao fazer a inferência: "É nesse cirandar da ciranda que as crianças vão compreendendo o projeto da sociedade que o Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), está construindo e vão realizando sua infância, pois esse processo não precisa ser isolado do espaço da luta de classe". (Rossetto, 2012, p.127). A criança vive uma fase muito importante, na qual passa por vários desenvolvimentos tendo em vista que são momentos muito importantes e únicos para o processo da vida e da infância.

Desse modo, percebe-se a importância da infância nos nossos espaços, sendo uma grande conquista dos movimentos sociais, onde precisamos dar a devida qualidade às crianças e a nossa tarefa enquanto educadores, pois é nessa fase que eles aprendem a ser sujeitos de sua própria história sem perder a sua identidade camponesa. "É pelas vivências no coletivo infantil as crianças têm possibilidade de se apropriar dos elementos do processo histórico para a compreensão da realidade". (ROSSETTO, 2012 p.127).

A criança está em processo de desenvolvimento, por isso, cabe a quem cuida dar espaço, para o mesmo poder se manifestar pensamentos, sentimentos, gestos expressões etc. Oliveira (2007), chama a atenção que "A constituição de um mercado

global da infância ou para as crianças, que repercute na formação dos padrões de comportamento e estilos de vida e nas culturas da infância, é mais um dos vetores. (p. 117). Por isso, urge cada vez mais valorizar o tempo e espaço da criança, seus valores, culturas, seus momentos lúdicos, para não sermos consumidos pelos ditames do mundo globalizado.

As crianças têm sua infância e temos o dever de proteger tanto faz em vários espaços e todos as crianças têm direito de brincar, sorrir, direito à educação. Laraia (2001), salienta que a cultura não é mais que a herança, ou seja, a genética a partir de suas realizações durante a vida e na maioria das vezes passa-se a agir de acordo com os padrões culturais estabelecidos.

A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e de idade. (LARAIA, 2001, p.42).

De acordo com Laraia (2001), na participação da cultura depende de sua idade porque os adultos sabem que uma criança não está pronta para exercer atividades próprias. Na opinião de Laraia (2001), nenhum indivíduo, conhece totalmente o sistema da cultura, ou seja, é necessário ter o conhecimento para operar dentro de si próprio. Deste modo, o conhecimento mínimo deve ser compartilhado para que as pessoas vão processando e aprendendo coisas novas e assim permite que a convivência na sociedade fique mais avançada para todos os indivíduos.

Percebe-se com essas reflexões, o quão ainda são complexas as relações sociais e culturais na sociedade. Por mais que tenhamos estudos progressistas de visão de mundo que considera a criança na perspectiva de sujeito que tem um espaço, modos de vida e cotidianos específicos para a sua idade, ainda há questões que não corroboram com esse pensamento. Isso é consequência muitas vezes do sistema capitalista que vigora em nossa sociedade que faz com que todas as gerações sejam incorporadas num pensamento único de valores e condutas a serem seguidas. Urge ressignificar esses conceitos na perspectiva da transformação social do cotidiano, na perspectiva do sujeito e de valorização da infância.

CAPÍTULO 3: INFLUÊNCIA DA CIRANDA INFANTIL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SEM TERRINHA

Nesse capítulo aprofundaremos reflexões acerca da constituição da identidade Sem Terrinha da Ciranda Infantil Semente da Esperança, localizada em Maringá-PR, trazendo a pesquisa empírica por meio das entrevistas semiestruturadas.

Nessa perspectiva, nos amparamos em Belter e Weschenfelder (2010), quando trazem um olhar antropológico do ser criança, considerando a perspectiva cultural e social que constitui o sujeito criança. A reflexão trazida pelas autoras ressalta que as crianças são capazes de se comunicar de várias formas não só pela fala, mas também em expressões de gestos, desenhos, nas próprias brincadeiras e comportamentos. Desse modo, é perceptível a compreensão de uma visão de mundo da infância em que há momentos de aprendizagens e construção do conhecimento em vários espaços múltiplos. A ciranda infantil, por exemplo é considerada um desses espaços de formação humana, conforme expressa o Entrevistado 4¹:

A ciranda infantil é um espaço organizado pelo MST. A ciranda infantil é um espaço educativo de vivência de ser criança sem terrinha que proporciona atividades lúdicas, entre outras. Ela surge da necessidade de construir espaços educativos, que possibilitem as crianças vivenciar a coletividade, a formação humana, lúdica e cognitiva do ser sem-terra.

Isso reforça a hipótese que as crianças são sujeitas capazes de refletir, dar opiniões sobre assuntos do seu interesse e são capazes de compreender o que eles mesmos dizem a partir da sua voz. Deste modo as autoras Belter e Weschenfelder (2010), crianças mostram através de desenhos, e pinturas como podem participar da construção do mundo e de um novo espaço escolar mais lúdico com mais espaço para o brincar.

Outro fator importante é deparar-se com a realidade das crianças, de onde vêm, quais seus anseios, seus medos, suas angústias. Por isso, a importância de um acompanhamento pedagógico. Os educadores fazem parte da vida da criança e constantemente reconstruem as suas ações. Os valores adquiridos são resultados de

¹ Optou-se pelo anonimato dos entrevistados, observando assim os princípios éticos da pesquisa.

experiências vividas tanto de adultos e de crianças por isso devemos ter um lugar adequado para as crianças. Nesse propósito, o entrevistado 1 salienta:

todavia pois é um espaço de troca de saberes, aprendizados e vivências que vão ajudando a se constituir essa identidade de ser criança mais principalmente da identidade sem-terra a qual fazem parte.

De acordo com Silva; Brito; Montino (2016), em todo ou qualquer espaço não podemos deixar a criança como um depósito. As tarefas devem ser desenvolvidas para o melhor desempenho do cognitivo. Eles têm que aprender a conviver com as demais crianças que estão envolta deles, ou seja, o cuidado deve ser com crianças e adolescentes pois todos estão em processo de aprendizagem e desempenho. De acordo com entrevistado 4:

A ciranda infantil é um espaço organizado pelo MST. A ciranda infantil é um espaço educativo de vivência de ser criança sem terrinha que proporciona atividades lúdicas entre outras. Ela surge da necessidade de construir espaços educativos, que possibilitem as crianças vivenciar a coletividade, a formação humana, lúdica e cognitiva do ser sem-terra.

Cabe ressaltar que os autores Silva; Brito; Montino (2016), trabalham as diretrizes onde pautam os direitos das crianças, direito à escola, ao lazer, creches, pré-escolas, esporte e cultura. Isso vale para chamar a atenção que para cada idade tem demandas dadas pela lei que protegem as crianças e mostram seus direitos. Um exemplo é a ciranda infantil do Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Maringá.

E por consequência ela determina a constituição da identidade e contribui para a Constituição da identidade da criança são as relações humanas sociais emocionais que ela faz ela tá se envolvendo nessa fase importante da vida que a infância se ela tá no ambiente capaz de perceber isso se preparar para isso é coisa da melhor forma possível certamente se determina aí influencia na construção da identidade das crianças e dos nossos sem terrinhas. ENTREVISTADO 5

Duarte e Mussini (2017), destacam que a educação infantil tem que ter cuidados e organizar espaços e tempos pois elas precisam de total atenção pois estão no seu processo de desenvolvimento de aprendizagem. Neste sentido, é fundamental considerar casa fase que a criança desenvolve. As brincadeiras e jogos que os

educadores e professores trabalham contribuem para o processo de ensino e aprendizagem na infância.

Neste sentido, as atividades empíricas possibilitam à criança controlar e apreender objetos e fenômenos da realidade, ou seja, interferem indiretamente na aquisição dos conhecimentos. A brincadeira/jogo pode exercer dupla função, podendo tanto proporcionar a aquisição direta quanto indireta dos conhecimentos. (DUARTE; MUSSINI, 2017, p.125).

Deste modo, para Duarte, Mussini (2017), a educação infantil é considerada um processo em que elas buscam a formação humana, e isso vem das práticas realizadas onde elas permanecem. A educação infantil exige tempo, desempenho nas atividades, para que sejam bem pensadas e elaboradas, pois a criança deve ser tratada com amor e carinho além do cuidado que se deve ter com eles. Sabemos que os espaços em que as crianças ficam e aprendem também ajuda adquirir a personalidade e conhecimentos da cultura humana, levando em consideração em qual desenvolvimento a criança está, pois só aí permite ela a entender as brincadeiras e quais os aprendizados levaram para a vida. Como já citado acima tem que ser dadas oportunidades para as crianças, espaço, voz, e exercitando o seu papel de se estar interessada, do a aprender e além de poder passar o que sabe para seus colegas.

Percebe-se que a ciranda infantil é uma conquista das famílias camponesas, pois atende uma reivindicação histórica. Além de ser um espaço de formação humano, como já foi referenciado, também atende a um requisito de sobrevivência das famílias pois com a ciranda as mães também podem trabalhar e participar de espaços de formação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), enquanto as crianças permanecem na ciranda. “Se não tivesse a ciranda seria mais difícil a gente poder trabalhar” (ENTREVISTADO 2).

De acordo com Coelho; Rezende; Kramer (2008), a educação é um desafio em qualquer nível, que não só as crianças, mas também educadores precisam ver, aceitar, acolher, ter atenção, que só entre todos é que vai prevalecer a dimensão humana. A relação do aluno com o professor é construída a partir da sala de aula e das brincadeiras. Essa relação tem que levar em conta as especificidades e como deve ser tratada, também considerando que qualquer relação se constrói com o tempo, ideologias, espaços e por intermédio do diálogo.

Paulo Freire e Martin Buber conceberam teorias e implementaram práticas que, por caminhos diversos, abordaram o diálogo como conceito principal,

caminharam na contramão das teorias que colocam o indivíduo no centro e apostaram no encontro, no diálogo e na relação entre os seres humanos como princípio que permite uma compreensão crítica da realidade e da história. (COELHO; REZENDE; KRAMER, 2018, p.4).

É por meio do diálogo de saberes que acontece a troca de experiências de vida, de brincadeiras e se constroem aprendizados. É a relação entre o eu e o tu, parafraseando Buber que fortalece os laços da coletividade. A ciranda infantil é um desses espaços coletivos que de convivência em que o saber se constitui e é ressignificado constantemente.

Então eu acho que a ciranda é um espaço de formação humana também, não só humana mais das relações pessoais. Também fez trabalhos de formações de identidades sem terrinha que eu já falei, mas também ajuda desenvolver a criatividade entre outras formas de desenvolvimento. (ENTREVISTADO 2).

Além de ser um espaço de formação humana, a ciranda infantil é um espaço onde as identidades constituem um sujeito sem terrinha. Um sujeito que compartilha a vida, o cotidiano, as lutas e o ideário de transformação e emancipação social. É evidente a preocupação com o mundo que os cerca, a preocupação com o meio ambiente e a qualidade de vida.

A ciranda é um espaço de desenvolver a identidade camponesa sem terrinha, podemos citar um atividade, onde os sem terrinhas realizam passeios no espaços de produção da escola, vivenciando o contato direto com a horta, animais, coelho, vacas, galinhas, porco etc. visando destacar a importância da vida no campo realizando assim contato com a terra, atividades que contribui para o entendimento e a importância com a Mãe Terra. (ENTREVISTADO 4).

Neste sentido, pode-se dizer que há uma constituição de identidade camponesa propiciada na ciranda infantil. Cultuam-se valores, princípios, histórias, relacionamento com a terra, as tradições. A ciranda infantil é “com certeza um espaço de formação que contribui para o desenvolvimento cognitivo e também para a formação humana de cada criança, onde vivem o ser criança”. (ENTREVISTADO 1).

De acordo com Correia; Batista; Brito (2011), as identidades camponesas e o modo de vida em que as pessoas vão produzindo e cultivando experiências de movimentos sociais, expressam um jeito de ser que fortalece a vivência em comunidade.

É possível vislumbrar, a partir da pesquisa empírica, que a ciranda infantil constitui e fortalece a vida dos sujeitos que moram no campo. Propicia um espaço de formação humana pois tem em seu seio a força da luta, da mudança social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de infância, assim como o conhecimento e as identidades são constantemente ressignificados. Essa ressignificação se dá principalmente pela dinâmica societária de transição de paradigmas, valores, hábitos, costumes, culturas. Por mais que haja políticas públicas e teóricos progressistas que defendem uma infância pautada no sujeito, ainda há adversidades e limites impostos pela sociedade para a não efetivação de propostas de transformação social.

O espaço da ciranda infantil caracterizado e refletido nesse estudo, configura-se como um espaço de resistência e de luta pela integridade e pela formação de sujeitos. Uma formação amparada no cotidiano de vida e que dialoga com a realidade das crianças.

Longe de estar acabada, essa pesquisa abre as portas para novos olhares e novas perspectivas identitárias. A hipótese anunciada, comprova-se, pois, há efetiva influência da ciranda infantil na identidade camponesa dos sem terrinha. Uma constituição de identidade alicerçada em sementes da esperança.

Cabe salientar que a pesquisa empírica trouxe elementos centrais para essa afirmação, pois teve o envolvimento comunitário e um diálogo de saberes. As entrevistas foram de extrema importância pois a partir disso podemos observar, como é a ciranda infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A ciranda tem um propósito de luta e de afirmação da vida!

A interlocução teórica de autores com a pesquisa empírica trouxe elementos centrais na reflexão desta temática tão importante para a educação do campo. Há intencionalidades emancipadoras efetivadas nesse processo. A experiência da pesquisa nos ensinou que há saber na ciranda infantil. Um saber que foi compartilhado com essa pesquisadora. Um saber que modifica e transforma realidades sociais, culturais e acadêmicas.

Além disso, a pesquisa foi realizada em um espaço de origem dessa pesquisadora, o que revela uma identidade com o território e com os sujeitos crianças. A pesquisa do lugar em que também nos constituímos, amplia a nossa visão de mundo e de vida.

Por fim, pode-se apontar que a ciranda infantil influencia de várias maneiras a identidade das crianças sem terrinha. a) Pela socialização das experiências de vida dos sujeitos; b) Pelo ato de brincar e de fazer ser criança; c) Pela visão de mundo pautada nos princípios de luta e de transformação social. Nesses aspectos pode-se concluir que a ciranda infantil tem força de sabedoria e de resistência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ilda Neta Silva, BRITO, Ana Lúcia dos Santos , MONTINO, Mariany Almeida. **A Importância da Educação Infantil na Formação**. Revista Humanidades e Inovação. V.4,n.2. Tocantins: UNITINS, 2016.

ANDRIOLI, Liria Ângela, **Religiosidade e Mística no Movimento de Mulheres Agricultoras de Santo Cristo/RS: Um Processo de Constituição de Identidades por Meio da Educação Popular**. Tese de Doutorado em Educação nas Ciências: Unijuí, 2016.

ARENHART, Deise, **A educação Infantil em Movimento: A Experiência das Cirandas Infantis no MST**, 2004.

BARBOSA, Analedy Amorim, MAGALHÃES, Maria das Graças S. Dias. A Concepção de Infância na Visão Philippe Ariès e sua Relação com as Políticas Públicas Para a Infância. In: **REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HISTÓRIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**. Roraima: UFRR, 2013.

BELTER, Luciléia. WESCHENFELDER, Noeli Valentina. Conhecendo as culturas da infância: possibilidades de participação das crianças no cotidiano escolar. In: **ANAIS IX ANPED SUL**. Caxias do Sul: UCS, 2012.

BIHAIN, Marisa Neiva, **A Trajetória da Educação Infantil no MST: De Ciranda em Ciranda Aprendendo a Cirandar**, Porto Alegre 2011.

BLOG DA ESCOLA MILTON SANTOS DE AGROECOLOGIA, Maringá, s/a).

COELHO, Alexandra Pena; REZENDE, Maria Fernanda Nunes; KRAMER, Sonia; Formação Humana, Visão, Diálogo e Educação: A Actualidade de Paulo Freire e Martin Buber. In: **EDUCAÇÃO EM REVISTA**: UFMG, 2008.

COCA, Estevan Freitas Leopoldo, **DEBATENDO O CONCEITO DE REFORMA AGRÁRIA: considerações sobre os tipos de assentamentos rurais no Brasil**. In:

CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária. Universidade Federal de Uberlândia. v. 8, n. 16, p. 170-197, ago., 2013.

CORREIA, D. M. N. ; BATISTA, M. S. X ; BRITO, R. M.J. Educação do Campo: Resistência e Afirmação da Identidade camponesa. In: **Anais 20 Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**: Educação, Culturas e Diversidades, Manaus, 2011.

DALMAZ, Dayane Santos Silva, SCARMOCIN, Daiane **A Ciranda Infantil do Movimento Sem Terra no Brasil: Formação Política na Infância**. 2011.

DUARTE, Bruna Silva; MUSSINI, Cleide Vitor Batista; Por Uma Formação Humana na Educação Infantil. In: **Revista em Educação em Debate**. Fortaleza, ano 39. N.73 jan/jun.2017.

FRANCO, M.E.D.P; GENTIL, Heloisa Salles. Identidade do Professor de Ensino Superior: questões no entrecruzar de caminhos. In: FRANCO, M.E.D.P. e KRAHE E. D.(orgs.) **Pedagogia Universitária e Áreas de Conhecimento**. Porto Alegre: Série RIES/PRONEX EdUPucrs, vol.1, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura um Conceito Antropológico**, Jorge Zahar editor Rio de Janeiro. 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA., 2014. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/01/19/durante-encontro-ciranda-infantil-leva-estudo-cultura-e-diversao-aos-sem-terrinha.html>>. Acesso em: 13/11/17.

NASCIMENTO, Cláudia Terra, BANCHER, Vantoir Roberto, OLIVEIRA, Valeska Fortes. A Construção Social do Conceito de Infância: Algumas Interloquções Históricas e Sociológicas. In: **Revista Contexto e Educação**. Ano XXIII. Editora Unijuí, Jan./Jun., 2008.

OLIVEIRA, Waléria Fortes, Cenários Lúdicos: O Protagonismo Infantil em Distintos Ambientes da Ova Santa Marta. In: **Revista Contexto e Educação**. Editora Unijuí, 2007.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal, Infância, Espaço e Subjetividade: Algumas (A) Anotações Sobre Lógicas Operatórias e Práticas Espaciais das Crianças das Classes Populares. In: **Revista Contexto e Educação**. Editora Unijuí, 2007.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

ROSSETO; EDNA Rodrigues Araújo. Ciranda infantil. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Guadêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ROSSETTO, Edna. A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS NAS CIRANDAS INFANTIS DO MST. In: **Revista Múltiplas Leituras**. v. 3, 2010.

SIDEKUM, Antônio. Alteridade e Interculturalidade. In: SIDEKUM, Antônio [org.]. **Alteridade e Multiculturalismo**. Coleção Ciências Sociais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

TREVISAN, Vera Lúcia de Souza. Sobre o Conceito de Identidade: Apropriações em Estudos Sobre Formação de Professores. In: **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011.

ZDEBSKI; Janaíne a Silva VERDÉRIO, Alex. Ciranda Infantil do MST: De Necessidades Estrutural a Possibilidade Pedagógica na Formação de Educadores e Educadoras do Campo. In: **II SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. Cascavel, Unioeste, 2010.

ANEXO I

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

1. Como surgiu o espaço da ciranda infantil?
2. Você acha importante a ciranda infantil? Porque?
3. Quanto tempo as crianças ficam na ciranda? Que atividades lúdicas são desenvolvidas?
4. Você acha que a ciranda é um espaço de formação humana?
5. A ciranda influencia na constituição da identidade da criança?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a):

Estamos desenvolvendo uma pesquisa cujo título é "Constituição da identidade sem terrinha na ciranda infantil". Este trabalho é fruto de estudos do TCC do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da UFFS, Campus Laranjeiras do Sul/PR.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com viés etnográfico que abrange registros (gravação) de falas dos educadores, da direção e pais da Ciranda Infantil Semente da Esperança. Vale ressaltar que as entrevistas serão gravadas, transcritas e arquivadas. Somente serão utilizadas para esta pesquisa. Após a transcrição das entrevistas, a gravação será extinta. Fica assegurado que os (as) sujeitos envolvidos não incorrerão em nenhum risco advindo de sua participação e poderão obter benefícios através do acesso aos resultados da pesquisa.

Asseguramos o seu anonimato, podendo você ter acesso a entrevista e realizar qualquer modificação no seu conteúdo, se julgar necessário. Você tem liberdade para recusar-se a participar da pesquisa, ou desistir dela a qualquer momento sem que haja constrangimento, podendo solicitar que suas informações sejam desconsideradas no estudo. Mesmo participando do estudo poderá recusar-se a responder as perguntas ou a quaisquer outros procedimentos que ocasionem constrangimento de qualquer natureza.

Frente ao acima exposto, considerando-me devidamente esclarecido (a) sobre a pesquisa, eu _____, autorizo o graduando Lucia Souza dos Anjos a utilizar, divulgar e publicar, para fins científicos e culturais, meus depoimentos, no todo ou em parte, editado ou não, nos termos acima firmados, ciente de que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações ou modificar minha decisão, caso assim o desejar.

Local e Data

Ass. do Resp. pelo Projeto

Assinatura do Depoente